

“NA COLÔNIA PENAL”: PODER, DISCIPLINA E PUNIÇÃO

Alice Silva do Prado - Pesquisadora vinculada à FAPEAM e mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

E-mail: alices_prado@hotmail.com

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar, a partir de uma perspectiva sociológica, as relações de poder bem como os mecanismos de disciplina e de punição aplicadas “Na Colônia Penal”, obra literária escrita por Franz Kafka. Através desta novela, o autor critica o processo judicial arbitrário e o sistema social perverso que submete uns indivíduos ao poder de outros que se utilizam, por sua vez, de múltiplos mecanismos para impor autoridade. Além disso, o presente trabalho também analisa como determinados aspectos da modernidade (como o aprimoramento das máquinas) converteram-se, segundo Kafka, em verdadeiros instrumentos de submissão e de ameaça para o próprio ser humano.

Palavras-chave:

Poder, Punição, Disciplina.

Abstract

The objective of this paper is to analyze, from a sociological perspective, power relations and the mechanisms of discipline and punishment applied "In the Penal Colony," literary work written by Franz Kafka. Through this novel, the author criticizes the arbitrary judicial process and the perverse social system that undergoes some individuals the power of others that are used, in turn, multiple mechanisms to enforce authority. Furthermore, this study also examines how certain aspects of modernity (as the improvement of the machines) were converted according Kafka, true instruments of submission and threat to the human being.

Keywords:

Power, Punishment, Discipline.

Introdução

Franz Kafka é atualmente conhecido como um dos grandes nomes da literatura mundial. Nascido em Praga, na Bavária (atual República Tcheca), em 1883, era o filho mais velho de um abastado comerciante judeu – Hermann Kafka – com quem nunca tivera uma relação tranquila. Kafka formou-se em Direito no ano de 1906 (provavelmente por imposição de seu pai) e trabalhou nessa área durante alguns anos.

Essa atuação no serviço burocrático não o impediu, no entanto, de dedicar-se à literatura, sua verdadeira paixão. Escreveu na língua alemã muitos contos, novelas e cartas onde é possível perceber a expressão de seus conflitos interiores e suas críticas diante do mundo em constante transformação. Kafka não recebeu, em vida, o reconhecimento merecido por seus escritos. Segundo relatos, pouco antes de sua morte, em 1924, chegara inclusive a pedir para que seu amigo íntimo, Max Brod, queimasse seus escritos para que ninguém tomasse conhecimento de sua obra. Brod descumpriu o pedido do amigo, o que permitiu que a literatura produzida por Kafka fosse publicada posteriormente. Somente em meados do século XX, sua obra fora finalmente reconhecida e apresenta, hoje, grande relevância no campo literário.

Talvez por influência de sua formação em Direito, muitos dos escritos de Franz Kafka nos remete a temáticas referentes às questões jurídicas e à aplicação do Direito na sociedade. Vemos isso claramente em obras como *O Processo*, *O Veredicto* e *Na Colônia Penal*. Tomar-se-á esta última como objeto desse trabalho por que, nesta obra, os mecanismos de disciplina e as relações de poder entre indivíduos de condições sociais diferentes são percebidas de forma bastante clara.

Para maior esclarecimento, o presente artigo será dividido em três sessões principais: *Aspectos gerais da obra Na Colônia Penal*; *Modernidade, desilusão e desumanização* e, por fim, *As relações de poder nas instituições totais e a condição do indivíduo encarcerado*.

Primeiramente, o termo *instituição total* foi adotado por Erving Goffman no seu trabalho intitulado “Manicômios, prisões e conventos” e será aqui empregado com o mesmo sentido. De acordo com o autor:

uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada. (GOFFMAN, 2010, p. 11).

Ainda de acordo com Goffman, além dos manicômios, dos conventos e das prisões outras instituições podem ser classificadas dessa maneira: é o caso, por exemplo, dos quartéis, dos campos de trabalhos e das colônias penais.

Partindo dessa perspectiva, a primeira sessão do artigo apresenta um aspecto geral da obra *Na Colônia Penal*, analisando o papel dos personagens e tentando, na medida do possível, fazer uma aproximação da narrativa com o contexto do autor.

A segunda parte do artigo apresenta alguns apontamentos a respeito da abordagem de Franz Kafka sobre a modernidade e os avanços tecnológicos que caracterizam esse processo. Para melhor analisar o avanço do maquinismo e da transformação da tecnologia em mecanismo de destruição, utilizaremos os argumentos de Georg Simmel (e seu estudo sobre o fenômeno urbano e a modernidade) bem como de Georg Lukács e Luiz Costa Lima, que contemplam o presente trabalho ao analisar, através da literatura, o papel do indivíduo em meio às mudanças processadas na sociedade.

A última sessão do artigo parte da análise dos personagens da obra literária, principalmente o *condenado* e o *oficial*, para identificar como as relações de poder se processam através da disciplina e da punição. Pretende-se também refletir sobre a situação em que o indivíduo privado de liberdade passa a viver no interior dessas instituições. Para que essa análise fique mais clara, os estudos de Erving Goffman serão relevantes pois nos ajudam a compreender o papel do sujeito (no caso, o *condenado*) em meio às relações de força e poder que se processam nestes espaços. Mais uma vez, Lukács e Luiz Costa Lima serão importantes no sentido de identificar, na literatura de Kafka, as características do homem de seu tempo.

1. Aspectos gerais da obra *Na Colônia Penal*

Na Colônia Penal foi escrita por Kafka em 1914. Apresentando três personagens principais (o *oficial*, o *explorador* e o *condenado*), a obra narra a visita de um estrangeiro (o *explorador*) a uma colônia penal. Este fora convidado pelo novo comandante da colônia para assistir a execução do *condenado* que fora sentenciado por supostamente ter desobedecido a uma das normas da colônia - não prestar continência perante o capitão e ter desacatado seu superior: “Ao invés de se levantar e pedir perdão, o homem agarrou o superior pelas pernas, sacudindo-o e disse: “atire fora o chicote ou te engulo vivo”” (KAFKA, 1998, p. 38).

Em outro contexto, esse tipo de insubordinação cometida seria punida, no máximo, com uma leve medida disciplinar. Em se tratando de uma colônia penal, no entanto, a realidade é diferente. Por determinação do *oficial*, nomeado juiz da colônia pelo antigo comandante, para essa infração relativamente simples foi aplicada a punição máxima: o indivíduo, agora apontado como *condenado*, deverá receber na própria carne a sua sentença - ela será inscrita sobre a pele do condenado, com o auxílio das agulhas fincadas no grandioso aparelho de execução (a MÁQUINA).

A execução da sentença do *condenado* torna-se, por sua vez, um grande espetáculo de tortura presidido pelo *oficial* com o auxílio do *soldado* (personagem secundário na narrativa). Essa forma de punição, seguida fielmente pelo *oficial*, fora adotada pelo antigo comandante da colônia que, ao que tudo indica, fazia da sentença uma verdadeira apresentação pública de horror. Porém, por advento da morte do anterior, um novo *comandante* assume a administração da colônia penal e pretende suprimir essa prática.

Para corroborar suas intenções, o novo *comandante* convida um *explorador* estrangeiro (que, na verdade, é um pesquisador que já havia viajado por vários países) para acompanhar a execução e, em seguida, fazer suas considerações sobre este método de punição aplicado na colônia. O olhar estrangeiro sobre os procedimentos judiciais aplicados na colônia tendem a contribuir no combate às velhas práticas institucionais praticadas nesse espaço.

O *oficial*, defensor das tradicionais formas de execução, discorda dessa medida e, no intuito de convencer o *explorador* a apoiar suas práticas, descreve, com detalhes (e demonstrando grande fascínio), o funcionamento da *máquina* sobre o corpo do condenado. Nesse processo, o *explorador*, que parecia indiferente à situação no início da história, acaba se posicionando contra a forma cruel de execução aplicada na colônia. Sua oposição se confirma ao constatar que o condenado não tivera nem mesmo direito a julgamento ou a uma oportunidade de defesa: simplesmente fora condenado por ordem do *oficial* e, sob essa condição, só lhe restava a opção de se esforçar “*para seguir as explicações do oficial*” sobre a maneira como proceder durante a sentença (Ibdem, p. 32).

Por não convencer o *explorador* nem o novo *comandante* a manter a forma de execução tradicional, o *oficial* dramaticamente entrega-se à máquina que tanto idolatrava: na tentativa de realizar um feito heroico, sacrificou seu próprio corpo à sentença máxima, buscando no aparelho uma morte gloriosa. Porém, após ter presidido inúmeras execuções, “*o que todos haviam encontrado na máquina [a redenção], o oficial não encontrou*” (Ibdem, p. 68) uma vez que, justamente na ocasião de sua auto execução, seu corpo foi literalmente dilacerado pois a máquina, que ele contemplou por tantos anos, entrou em colapso e logo a sessão “*já não era mais uma tortura como pretendia o oficial, e sim assassinato direto*” (Ibdem, p. 67). Trata-se, literalmente, do maquinismo funcionando como mecanismo de destruição do homem.

Enfim, feita a explanação geral da obra, é possível observar que a *máquina*, na verdade, é a grande responsável pela aplicação da justiça segundo as normas da colônia penal, pois é ela que faz com que o condenado sinta na carne a sentença imposta pelo poder dominante. Sobre a aplicação do Direito e da pena na colônia, entram em choque duas perspectivas: a do *oficial* (que defende a manutenção desse tipo de sanção sobre o condenado) e a do *explorador* (que, juntamente com o novo comandante, discorda dessa prática e defende sua supressão).

Essa dualidade seria, na perspectiva de alguns críticos literários, a representação das novas conjunturas sociais a partir da ótica de Franz Kafka. Trata-se da tradição e do conservadorismo em confronto com o pensamento e com as práticas oriundas mundo moderno. Esse confronto, resultante das transformações processadas na sociedade, é

analisado por ele a partir das instituições jurídicas e da aplicação do Direito. Porém, ao inserir a máquina como um elemento fundamental na narrativa, o autor revela que as mudanças tecnológicas impostas pela modernidade influenciam nos mais variados aspectos das ações humanas, o que inclui não apenas as novas formas de legislar como, sobretudo, a nova maneira de representar o mundo e de se relacionar com o Outro.

Para demonstrar seu posicionamento em meio a esse processo de transformações econômicas, jurídicas, culturais e tecnológicas, Franz Kafka utiliza-se de uma linguagem clara e de uma narrativa repleta de descrições e de detalhes que remetem o leitor a imaginar a relação do autor com um mundo em transição, em sua época administrado pela burocracia e governado por líderes despóticos (disfarçados ou não), que se utilizam de variados recursos para impor a ordem sobre os indivíduos, limitando a capacidade que estes possuem de interpretar o mundo de maneira própria e concreta.

2. Modernidade, desilusão e desumanização

Na Colônia Penal, como já fora dito, é uma obra literária escrita em 1914. Franz Kafka vivia, portanto, o contexto da formação das conjunturas que levariam à eclosão da Primeira Guerra Mundial. Trata-se de um período de incertezas, onde as estruturas sociais estão prestes a ruir e a humanidade sendo guiada pelos interesses das grandes potências imperialistas, cujos rumos não se sabia aonde os levaria.

De acordo com o historiador Eric Hobsbawn, trata-se de um período de intensas transformações resultantes de conjunturas alicerçadas ainda no século anterior, cujos resultados só foram percebidos de forma mais clara a partir da primeira década do século XX: “*O que definia o século XIX era a mudança (...). Com algumas exceções marginais todos os países estavam, ao menos periféricamente, presos pelos tentáculos dessa transformação*” (HOBSBAWN, 2009, p. 46).

Evidentemente, seria incorreto desprezar a influência desse contexto sobre o pensamento e sobre a literatura produzida por Kafka. Porém, antes de aprofundar a análise, é importante atentar para o que Luiz Costa Lima concluiu a respeito da relação

entre texto e contexto. Lima afirma que a obra literária não representa o reflexo fiel da realidade e que, o pesquisador que se propõe a analisá-la, deve estar atento a esse fato. É necessário, segundo ele, que se reconheçam dois pontos de análise fundamentais: as obras literárias “(a) não são a imagem da sociedade, mas apenas também a contém; (b) que seu estudo coloca entre parêntesis a questão axiológica dos objetos considerados e os aborda apenas como instrumento de compreensão da sociedade”(LIMA, 2002, p. 674).

Essa maneira de analisar a literatura não é exclusiva deste autor. Georg Lukács propõe uma ideia semelhante na obra Teoria do Romance. Em seu livro, segundo estudo apresentado pelo próprio Luiz Costa Lima, “a relação entre texto e contexto, pelo menos como concebida nas declarações teóricas, é uma relação de implicitude” (Ibidem, p. 678). Ou seja, não é possível adotar a narrativa como um retrato fiel da realidade pois esta é, na verdade, uma representação do mundo construída pelo autor carregada, portanto, de subjetividade e de elementos implícitos.

Logo, toda aproximação feita a partir de agora, entre a obra e o contexto histórico da época em que fora produzida, tem como objetivo explicar não a gênese do pensamento de Kafka, mas identificar alguns elementos da realidade que contribuíram para a singularidade de sua produção literária.

De qualquer forma, a importância (e a beleza) da literatura encontra-se justamente na capacidade que esta possui de permitir que o autor, através de sua representação subjetiva da realidade, identifique características fundamentais de um contexto social específico de uma época.

No caso de *Na Colônia Penal* é possível, por exemplo, perceber elementos resultantes das transformações inerentes à sociedade vigente no período de transição entre os séculos XIX e XX. Modernidade era a ‘palavra de ordem’ e, em nome desse ideal, países “*avançados dominam os atrasados*” (HOBSBAWN, 2009, p.87) e muitos povos são oprimidos frente aos interesses das nações dominantes. O indivíduo perde seu valor enquanto ser humano e a MÁQUINA, antes um mero objeto, adquire tamanha relevância que chega a manipular o homem, controlando seu tempo e suas ações.

A partir da leitura da obra, portanto, observa-se que Franz Kafka encarava determinados aspectos da Modernidade de forma negativa. É possível, por exemplo, perceber a crítica que ele faz à transformação na conduta do homem e a sua dependência com relação à máquina. Nota-se, também, que as inovações tecnológicas transformavam-se, cada vez mais, em mecanismos de destruição da vida e dos valores humanos.

Assim o autor inicia a narrativa da trama que se desenvolve Na Colônia Penal: “É um aparelho singular – disse o oficial ao explorador, percorrendo com um olhar até certo ponto de admiração o aparelho que ele no entanto conhecia bem” (KAFKA, 1998, p. 29). Já nesse pequeno trecho é possível identificar três dos personagens principais da história mas, no decorrer da leitura, observa-se que a máquina é a grande responsável pela aplicação da lei e da justiça na colônia. Ao mesmo tempo, seu papel na história é ambíguo pois, embora exerça fascínio sobre uns, gera também medo e até repulsa em outros personagens da narrativa.

Nesse aspecto, pode-se verificar a relação entre texto e contexto ao observar que essa ambiguidade representa justamente a perspectiva de Franz Kafka sobre a realidade de sua época. A amplitude da noção de Modernidade e dos avanços tecnológicos, característicos da transição entre os séculos XIX e XX, representava a esperança de um futuro melhor e mais próspero partindo das melhorias técnicas capazes de minimizar as desigualdades e de aproximar culturas distintas.

Porém, já no início do século XX, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, houve o efeito contrário desses avanços uma vez que se percebeu claramente a conversão da tecnologia em armas à serviço da destruição das vidas. Assim como Kafka, Lukács escreveu a obra Teoria do Romance no ano de 1914 e não poderia, também, posicionar-se indiferente ao contexto. Para Lukács, seu livro escrito em meio a esse período turbulento representa um contexto caracterizado como “a era da perfeita pecaminosidade” (LUKÁCS, 2000, p. 15).

Atento a todo esse processo, Kafka apresentou sua crítica através da escrita literária. O personagem do *oficial*, por exemplo, representa o homem totalmente dominado pela máquina (tecnologia), e que tem por ela um fascínio extremado. Porém,

ao mesmo tempo em que exalta esse aspecto da modernidade, esse personagem se opõe a outras inovações de sua época como, por exemplo, as novas formas de aplicação da lei e do Direito na sociedade mantendo claramente uma postura tradicional quanto a esse assunto.

Já o personagem do *condenado* reflete a condição do indivíduo na sociedade moderna, desprovido de valor e submisso a uma ordem dominante que o impede de pensar agir e por conta própria; parafraseando Emile Durkheim, trata-se do homem inserido em uma relação de forças que exerce coerção e impõe “*maneiras de agir, de pensar e de sentir*” exteriores a ele (DURKHEIM, 2002, p. 02) as quais resta, apenas, obedecer.

Na trama o autor revela, em alguns trechos da obra, essa submissão do *condenado* ao poder coercitivo exercido pela instituição penal através do discurso do *oficial* e da reação de indiferença do condenado com relação aos acontecimentos que se processavam ao seu redor: “*o condenado parecia de uma sujeição tão canina que a impressão que dava era a de que se poderia deixa-lo vagarear livremente pelas encostas, sendo preciso apenas que se assobiasse no começo da execução para que ele viesse*” (KAFKA, 1998, p, 30)

O *explorador*, por sua vez, é a representação crítica de todo esse cenário. Ao assistir a execução da sentença, este manifesta verdadeiro repúdio ao observar o comportamento sádico do *oficial* que contempla a *máquina* que fora convertida em arma de destruição, responsável pela tortura física do *condenado*.

Através desses personagens o autor permite que o leitor mais atento possa refletir a respeito do fato de que a humanidade, que progredira em vários aspectos, agora veio a se tornar vítima de suas próprias invenções. Eric Hobsbawn, no livro *Sobre História*, propôs um questionamento que se aproxima dessa perspectiva:

Como a humanidade passou do homem das cavernas para o astronauta, de um tempo em que éramos assustados por tigres dente de sabre para um tempo em que somos assustados por explosões nucleares – isto é, não assustados pelos perigos da natureza mas por aqueles que nós mesmos criamos? (HOBSBAWN, 1998, p. 42)

Seria, portanto, a modernidade (e as transformações oriundas desse processo) responsável pela degeneração dos sentimentos e dos valores humanos? Muitos autores propuseram-se a responder de forma plausível a essa problemática. Dentre estes nos chama atenção, mais uma vez, a análise de Georg Lukács.

Nesse processo de mudanças (econômicas, sociais, políticas e culturais), o homem – através de suas invenções - realmente tornou-se uma ameaça a si próprio: “*nossa essência teve de converter-se, para nós, em postulado, e cavar um abismo tanto mais profundo e ameaçador entre nós e nós mesmos*” (LUKÁCS, 2000, p. 31). De acordo com este teórico, a humanidade perdeu a essência que possuía outrora, uma vez que a ideia de totalidade do ser humano e da sociedade deu lugar, sobretudo a partir das transformações processadas no mundo do trabalho, a uma realidade fragmentada e ameaçadora. Partindo dessa perspectiva da vida sem totalidade, o ser humano encontra-se deslocado em um meio onde o indivíduo “*não é mais significativo*” (Ibidem, p. 122).

O personagem do *condenado* na trama criada por Franz Kafka seria a personificação desse indivíduo que, em meio às mudanças processadas na sociedade, se desencantou com a realidade e se limita apenas a cumprir com aquilo que lhe é imposto. O mesmo acontece com o personagem do *soldado*, descrito como alguém que “*não se interessava por nada*” (KAFKA, 1998, p. 32). A racionalidade, uma das características do pensamento moderno, é um dos fatores que influenciam diretamente na perda da essência da vida humana, o que resultou no que Max Weber chamou de “*desencantamento das consciências*” (WEBER, 2004). Nesse contexto, os valores humanos deixam de ter relevância, pois a lógica e a razão se elevam em detrimento da subjetividade do ser.

Raymond Williams, na obra *Cultura e Sociedade*, também traçou de forma brilhante um paralelo entre as transformações sociais características da sociedade industrial e as formas de pensar o mundo. A partir da perspectiva desse autor, os conceitos de *indústria*, *democracia*, *classe*, *arte* e *cultura* passaram por um intenso processo de ressignificação decorrente das transformações processadas pela modernidade: “*as mudanças em seu uso, naquele período crítico, revelam uma mudança geral nas nossas maneiras características de pensar sobre nossa vida comum: sobre nossas instituições sociais, políticas e econômicas*” (WILLIAMS, R. 2011, p. 15).

Tanto nos estudos de Weber como na análise de Raymond Williams, é possível perceber que a intensificação da racionalidade promoveu profundas transformações na maneira com que as sociedades tendem a pensar o mundo. Georg Simmel, também preocupado com a influência que a vida moderna exerce sobre a consciência das pessoas, escreveu em “A Metrópole e a Vida Mental” que a Modernidade impõe ao indivíduo a necessidade de lutar para “*preservar a autonomia e individualidade de sua existência em face das esmagadoras forças sociais, da herança histórica, da cultura externa e da técnica da vida*” (SIMMEL, 1979, p. 11).

De acordo com Simmel, a vida moderna (especificamente a vida metropolitana) torna o homem menos sensível com relação ao Outro, uma vez que o que determina as relações nesse contexto é a busca pelo lucro e pelo poder.

Em *Na Colônia Penal*, a relação do *oficial* com o *condenado* reflete esses pontos de vista. A intensidade da força e da violência aplicada na sentença do condenado revela o aspecto desumano das relações sociais, onde a racionalidade prevalece sobre as emoções pois o que está em jogo não é nada mais senão a aplicação de uma doutrina jurídica arbitrária em nome do poder e da dominação. Traduzindo esse aspecto da obra para as palavras de Simmel: “... *nas relações racionais, trabalha-se com o homem como um número, como um elemento que é em si mesmo indiferente*” (Ibidem, p. 13).

Em síntese, o que se percebe em comum entre Franz Kafka e os teóricos aqui citados (Lukács, Weber, Simmel e Eric Hobsbawn) é a reflexão feita por eles sobre a influência que as transformações processadas no meio social exercem sobre as relações entre o indivíduo com o Outro e com ele mesmo. Aparentemente, na abordagem destes autores (inclusive de Kafka), a Modernidade desumanizou essas relações e os valores humanos perderam sua significação. Porém, apesar dessa perspectiva negativa da realidade, percebe-se no decorrer de suas obras, a esperança de que o homem venha a readquirir sua importância nessas relações.

Em Lukács, por exemplo, a esperança era depositada no colapso do sistema capitalista e nas formas de dominação impostas por ele. Somente a partir da eliminação desse sistema opressor seria possível “*nascer uma vida natural, digna do homem*” (LUKÁCS, 2000, p. 16). Compreender o homem como uma mera parte da vida histórica

é o que falta para que as relações sociais possam reencontrar certa harmonia: “*nós, em nossa efêmera existência, como uma célula, só pertencemos como uma parte, não nos cabe acusar ou perdoar, senão compreender*” (SIMMEL, 1979, p. 25).

Partindo desse pressuposto, é possível afirmar que Kafka, apesar de sua postura crítica frente às mudanças, também detinha a esperança na retomada da importância do ser humano nas suas relações. *Na Colônia Penal*, não seria de todo equivocado, apontar o personagem do *novo comandante* da colônia penal como representação dessa expectativa. Ao assumir sua função da colônia, o novo comandante estava disposto a exterminar a prática tradicional de execução das sentenças jurídicas, pois ele “*não era adepto desse procedimento e se comportava quase com hostilidade em relação ao oficial*” (KAFKA, 1998, p. 47).

A presença do explorador estrangeiro na colônia penal era justamente uma maneira por ele encontrada para tentar dar legitimidade à proposta de suprimir a execução tradicional da sentença sobre o condenado e, assim, promover a mudança. Porém, a relutância do oficial a essa postura representa os obstáculos encontrados na vida real, onde uma série de fatores impede que o homem, e o mundo como um todo, retome sua verdadeira essência.

3. As relações de poder nas instituições totais e a condição do indivíduo encarcerado

Na introdução deste artigo ficou claro que a noção de *instituição total* aqui empregada nos remete ao conceito proposto por Erving Goffman. A obra literária *Na Colônia Penal* representa de maneira clara o “*fechamento*” que, segundo Goffman, caracteriza esse tipo de instituição. Segundo o autor, “*seu “fechamento” ou seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições*” (GOFFMAN, 2010, p. 16).

Tais barreiras seriam impostas por determinadas pessoas que, investidas de autoridade exercida a partir de seus cargos, exercem grande poder sobre a conduta dos

internados; poder este que controla, de maneira explícita ou não, todos os aspectos da vida: os horários, as maneiras de andar, de vestir e de se comportar. Ao adentrar em uma instituição como a colônia penal na condição de condenado, o indivíduo torna-se desprovido dele mesmo, incapaz de decidir a respeito de suas próprias vontades iniciando um processo de “*Desfiguração*”, “*Mutilação*” até chegar ao ponto da “*Mortificação do Eu*” (Ibdem, p.24).

Na obra de Kafka, é possível avaliar os personagens do *oficial* e do *condenado* dentro dessa ótica proposta por Erving Goffman. Embora, na escala hierárquica, o *oficial* ocupe uma posição inferior a do novo comandante, ainda é ele quem acompanha de forma mais próxima o comportamento dos internos da colônia e quem também administra a “cerimônia” das execuções. Este personagem, portanto, é o responsável pelas ações institucionais que fazem um ataque direto ao “eu” daqueles que se encontram submetidos a seu poder e privados de liberdade.

Esses ataques ao “eu” começam assim que o indivíduo ingressa na colônia pois, já no primeiro momento, são despidos de sua aparência usual, “*o que provoca a desfiguração pessoal*” (Ibdem, p. 28). Além disso, estes são obrigados a se separar de seus bens e, na maior parte das vezes, deixam de ser chamados pelo próprio nome o que, na perspectiva de Goffman, constitui “*a grande mutilação do eu*” (Ibdem, p. 27).

Em *Na Colônia Penal* é possível perceber todos estes aspectos. O *oficial* utiliza-se de mecanismos variados com os quais passa a controlar a conduta do *condenado* e este, por sua vez, tem seu corpo e sua personalidade mutilada sem que nem mesmo se dê conta da gravidade desse fato.

Georg Lukács, ao analisar alguns romances produzidos em diferentes períodos históricos concluiu que, em sua ligação com o mundo cada vez mais moderno (no sentido tecnológico), a postura dos personagens em grande parte das obras aponta essa indiferença constante com relação aos sentimentos e emoções dos indivíduos, revelando a “*insignificância de sua existência no mundo*” (LUKÁCS, 2000, p.124).

Além de contribuir para a reflexão a respeito do papel secundário que as emoções e os sentimentos dos indivíduos têm ocupado nas relações sociais, *Na Colônia Penal* também abre espaço para que se observe a aplicação de uma doutrina jurídica

arbitrária uma vez que “*a culpa é sempre indubitável*” (KAFKA, 2010, p. 38) e onde a punição é aplicada diretamente sobre o corpo do condenado, sem nem ao menos lhe permitir qualquer tipo de defesa.

Essa forma injusta de aplicar a lei nos remete aos estudos de Michel Foucault. O autor inicia a obra *Vigiar e Punir* descrevendo a execução de uma sentença realizada na França, no século XVIII, onde o corpo despido do condenado é o alvo principal da punição e sobre ele os procedimentos de extrema barbárie geravam “*as dores violentas que faziam-no dar gritos horríveis*” (FOUCAULT, 2010, p. 09).

De acordo com Foucault, essa execução pública, comum durante o Antigo Regime, constituía um grande suplício para o condenado, ao mesmo tempo em que fortalecia o poder dominante:

a atrocidade que paira sobre o suplício desempenha portanto um duplo papel (...). Realiza ao mesmo tempo a ostentação da verdade e do poder; é o ritual do inquérito que termina e da cerimônia onde triunfa o soberano. E ela os usa no corpo do supliciado (Ibdem, p. 55).

O personagem do condenado *Na Colônia Penal* também sente na pele o peso da punição e do poder que se exerce sobre ele, pois o rastelo da máquina, com suas agulhas, escreve a sentença sobre a pele de forma tortuosa: “*Naturalmente não pode ser uma escrita simples, ela não deve matar de imediato, mas em média só num espaço de tempo de doze horas*” (KAFKA, 1998, p. 43).

A descrição, em detalhes, da execução do condenado tanto na obra literária de Kafka como no livro de cunho científico de Foucault citado anteriormente, revelam a impropriedade da pena baseada nos castigos e na teatralização da violência. Trata-se da imposição do poder por meio da força e do medo, característica comum no seio das relações humanas das sociedades antigas e que tende a se perpetuar na sociedade moderna, ainda de que de forma mais sutil.

Logo, seja no Antigo Regime ou na atualidade, o que se percebe é o negligenciamento do indivíduo e de suas emoções. Os estudos dos autores aqui citados convergem para a ideia que Franz Kafka sintetizou através de sua literatura: o avanço da tecnologia e as novas formas de aplicação da lei continuam a funcionar como

mecanismos de reprodução do poder soberano, através das práticas realizadas pelas instituições em geral (sejam elas as escolas, as fábricas ou as colônias penais) que resultam no que Goffman chamou de “*mortificação do EU*”, na “*morte da personalidade do indivíduo*”¹ apontada por Simmel ou na “*tristeza impotente diante de um mundo em si inessencial*”² observada nas produções literárias estudadas por Lukács.

O século XX e a barbárie praticada pelas forças políticas desse período deixaram a humanidade perplexa diante de sua capacidade de autodestruição, ao mesmo tempo em que forneceu o cenário ideal para refletir a respeito do papel do indivíduo nas relações sociais. Foi nesse contexto, portanto, que a produção de Franz Kafka finalmente encontrou o merecido reconhecimento no campo literário, tornando-se importante também no campo da sociologia por permitir estudar as conjunturas da época, através das ideias e das ações de seus personagens.

Considerações finais

A obra literária *Na Colônia Penal* revela a postura crítica de um autor inquieto com as conjunturas de sua época. Através dos personagens principais da narrativa, Franz Kafka conduz o leitor a refletir sobre determinados aspectos da realidade e das relações sociais, como a arbitrariedade na aplicação da lei e da justiça.

Nela, observam-se ainda, várias facetas da natureza humana: o *oficial*, que defende o exercício do poder e da disciplina através da força e da violência; o *condenado*, que representa o homem institucionalizado que interiorizou o poder e se submete a ele sem esboçar reação contrária. Verifica-se também a postura crítica do ser humano diante da constante perda da emoção nas relações sociais através do personagem do *explorador*, que assiste a cena da execução e, ao contrário dos demais personagens, posiciona-se de forma totalmente contrária a ela.

¹SIMMEL, 1979, p. 23.

²LUKÁCS, 2000, p. 125.

Na Colônia Penal apresenta um campo fértil para a análise de determinados aspectos da sociedade e da conduta do homem diante do avanço da modernidade e das transformações decorrentes desse processo. Mais que uma simples produção literária, esta, que constitui uma das grandes obras de Franz Kafka, pode ser tomada como um importante objeto de pesquisa no campo da análise sociológica da literatura.

Referências

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. 17.ed. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento das prisões**. 38. ed. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 2010.

HOBBSBAWN, Eric. **A Era dos Impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

_____. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KAFKA, Franz. **O Veredicto e Na Colônia Penal**. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LIMA, Luiz Carlos Costa. **A análise sociológica da literatura**. In: LIMA, Luiz Costa (org.). Teoria da Literatura em suas fontes. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LUKÁCS, Georg. **A Teoria do Romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2000.

_____. **O romance histórico**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In. VELHO, Octavio Guilherme (org.). O fenômeno urbano. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Trad. José Carlos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell**. Trad. Vera Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2011.